O Padre Pedro Leão Paes de Andrade

LUIS C. SUCUPIRA

(Sócio Efetivo)

No dia 28 de junho de 1873 nascia no sertão cearense um menino que tomou o nome de Pedro Leão, filho do casal Leonardo Francisco de Andrade e Ana Maria Paz de Andrade. Esse nascimento, segundo o Barão de Studart, no seu Dicionário Biobibliográfico, teria ocorrido na freguesia de Araripe, então agregada ao município de Assaré. Mas na **plaquette** publicada em 1968, pelo povo e paróquia da Glória, de Mombaça, se informa que Pedro Leão nasceu às 8 horas da manhã do dia 28 de junho de 1873 na Vila de São Domingos, hoje Quixariú, no município de Campos Sales. Convém esclarecer que na época, isto é, no ano de 1873, Campos Sales ainda não tinha essa denominação, mas a de Nova Roma, topônimo, que substituira o de Várzea da Vaca, pelo qual foi primitivamente conhecida a localidade. A mudança para Campos Sales, hoje estabelecida, parece que em definitivo, se deveu a uma homenagem que o Governo do Estado quis prestar ao quarto Presidente da República, através da lei número 530, de 1899. Parece, pois, que, no caso, equivocou-se o nosso magnífico pesquisador, em face da minúcia com que se manifestam os promotores da aludida **plaquette** o que obriga a se ficar ao lado deles. É certo que a publicação "O Ceará", organizada por Martins Filho e Raimundo Girão aponta Pedro Leão como filho ilustre de Araripe. É de admitir, porém, que ambos se fiaram no Barão de Studart, no que não há nada de admirar, pois quase todos os que fazem história em nosso Estado confiam cegamente no grande historiador conterrâneo. Mas há que notar que, ainda na terceira edição de "O Ceará", saída em 1966, persiste a informação contida nas duas outras.

Pedro Leão completou seu nome com a adição de Paz, de origem materna, e Andrade proveniente da linha masculina, como é costume fazer-se no Brasil. Daí, então, entrar para a história com o nome inteiro de Pedro Leão Paz de Andrade. Mas ainda aí surge uma alternativa. É que, apesar de adotar o Barão de Studart a grafia Paz, seguido por Martins Filho e Raimundo Girão, o referido folheto adotou a de Paes, que, aliás, era a usada pelo próprio Pedro Leão e aceita por seus parentes e conhecidos. No entanto, deve ter isso sucedido por virtude de gosto pessoal do signatário, visto como o que é comum na vida familiar brasileira é acrescentar ao pre-

nome feminino, principalmente quando se trata de Maria, o qualificativo Paz, como Maria da Paz, Ana Paz, Rosa Paz etc.

O menino Pedro Leão teve uma infância como a de todas as crianças sertanejas, em plena liberdade, "pés descalços, braços nus, andando pelas campinas atrás das borboletas azuis", como disse Capistrano de Abreu.

Aos 15 anos, depois de concluídos os estudos primários na escola local, foi mandado matricular no Seminário de Fortaleza, então o mais destacado centro de cultura do Estado, em março de 1888. Estudioso e aplicado, fez o curso sem tropeços, recebendo a primeira tonsura em 2 de dezembro de 1894; ordens menores em 30 de novembro de 1895, e, por fim, o presbiterato em 30 de novembro de 1897.

Logo depois, era o jovem sacerdote nomeado pároco da vila de Benjamin Constant, tomando posse do seu munus em 18 de fevereiro de 1898.

Foi nesse então pequeno centro populoso que realizou o Padre Pedro Leão Paes de Andrade durante perto de meio século não só o seu apostolado religioso mas também a sua prodigiosa atuação cultural, principalmente no setor sócio-educativo.

Disse Fernando Azevedo, na sua monumental Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil, que não é possível compreender nem explicar a evolução da cultura no nosso país sem o papel do Clero.

Afirmou Serafim Leite que o Brasil nasceu cristão. Pode-se acrescentar sem exagero que não só nasceu cristão mas deveu e ainda deve à influência da religião cristã toda a sua formação moral, todo o seu substrato social, todo o seu desenvolvimento intelectual.

Desde os missionários que acompanharam os primeiros povoadores da nova nação brasileira até os que lhe estabeleceram os governos, criaram as cidades, forjaram o seu pensamento lógico, assentaram as suas diretrizes sócio-econômicas e realizaram todos os movimentos de libertação individual e social de independência nacional e de sustentação política, a religião católica ultrapassou os domínios do espiritual para inspirar e manter a unidade do gigante Santa Cruz, hoje Brasil.

Desde os tempos primitivos que, em nossa Pátria, a Igreja e a Escola aparecem irmanadas e completando se, de sorte que, assim como não havia aldeia de índio, em que, ao lado do templo católico — igreja, ermida ou capela — não se encontrava ao menos a escola de ler e escrever, igualmente nos períodos seguintes apareciam as escolas secundárias e superiores, que funcionavam à sombra dos conventos, e hoje são as universidades católicas as que mais dão

fulgor, grandeza e autoridade ao ensino em todos os seus variados sentidos de domínio da ciência.

No interior foi sempre o padre o centro de convergência dos anseios, dos interesses e das esperanças dos habitantes, na generalidade, abandonados pelo poder público. Entre eles o sacerdote não exercia apenas as funções de capelão ou vigário. Eram os assistentes, os conselheiros, os guias, os confidentes, e normalmente os mestres-escolas. Por isso, diz Gilberto Freire, o número de homens ilustres da época colonial e dos primeiros tempos do Império que receberam educação primária e secundária nos colégios de padres é incalculável.

E entre esses capelães que funcionavam como pedra de toque da paz, da ordem e da harmonia social eram força de primeira grandeza os tios-padres, que representavam, sob a telha vã dos casarões patriarcais, alguma coisa de sutilmente superior, eclesiástico e universal.

Essa atuação multiforme, inteligente, construtiva e, sobretudo, educativa soube-a realizar durante os 45 anos em que esteve à frente de sua paróquia, depois denominada de Mombaça, o infatigável, aplicado, incansável Padre Pedro Leão Paes de Andrade.

Quando chegou no lugar indicado pelo seu Bispo, Dom Joaquim José Vieira, para tomar conta do rebanho de que ia ser pastor por quase meio século, encontrou muita coisa por fazer não só no campo religioso como no meio social. Já por lá haviam passado, antes dele, os padres José Galdino Teixeira (1833-1834), André Ayres do Nascimento (1834-1836), José Galdino Teixeira novamente (1836-1838), João do Nascimento e Sá (1838-1840), Antônio Sarmento Benevides (1840-1867), João do Nascimento e Sá — novamente (1868-1884), Leandro Teixeira Pequeno (1884-1888) e José Cândido de Queiroz Lima (1888-1898). Não ia, pois, o jovem cura encontrar terreno impérvio. Há mais de 50 anos estava o campo arroteado mas por agricultores que pouco ali demoravam, a exceção do Padre Benevides que lá permaneceu 27 anos. Mas nem as circunstâncias do meio nem as condições do tempo propiciavam resultados satisfatórios.

Quando lá chegou, Padre Pedro Leão encontrou o povo descontente com a nova toponímia atribuída à cidade pelo decreto de 9 de julho de 1892, que a crismou de Benjamin Constant, uma barretada a um dos fundadores da República, como passou a ser costume de então para cá, mudando-se nomes tradicionais de centros urbanos para o de personalidades que a roda da sorte tem elevado a destacadas posições políticas ou administrativas. Até aquele ano o município tinha o nome de Maria Pereira, naturalmente provindo

do fato de ter surgido numa fazenda assim denominada e de que apenas se indicava a sua proprietária, que não negava hospedagem a quantos por ali transitassem. Essa boa acolhida teve tão agradável repercussão no coração dos que dela se beneficiavam que trocaram pelo de Maria Pereira a até então denominada fazenda "Boca-Picada".

Atendendo a insistentes solicitações dos habitantes do município, a que não esteve alheio Padre Pedro Leão, voltou o lugar a denominar-se Maria Pereira, pela Lei n. 1.565, de 21 de setembro de 1918. Mas não durou muito a satisfação, pois pelo Decreto-lei n. 1.114, de 30 de dezembro de 1943 lhe foi imposto o nome de Mombaça, emprestado a uma cidade africana, citada algumas vezes nos Lusíadas, que passou a ser porto principal da África Oriental Inglesa e que hoje integra a República de Quênia. Os que tentam explicar a razão de ser da toponímia alegam que desde os começos do século XVIII já se dava à região o nome de Mombaça por virtude da moradia ali de um português que se estabeleceu nos sertões situados entre os Inhamuns e o extenso platô de Quixeramobim, encimado pela serra de Santa Rita, o qual, tendo estado antes em terras africanas, encontrara grande semelhança entre as duas regiões, donde chamar Mombaça ao seu nôvo pouso, o que foi aceito pelos posteriores habitantes do território. E tanto assim era que, quando da criação da freguesia local, por decreto de 6 de setembro de 1832, deram-lhe o título de Nossa Senhora da Glória de Mombaça.

Assim, de 1943 em diante tanto povo, como governo e clero aceitaram sem mais restrições a nova denominação e foi nessa região de nomes controvertidos que passou a exercer seu ministério o jovem Padre Pedro Leão Paes de Andrade, aí se dispondo a empregar todo o fervor de sua religião e todo o seu ardór de seus ideais patrióticos.

Começou por abrir um colégio para educação da mocidade, que desejou ser bem organizada, para o que contratou professores de outras cidades mais adiantadas. Não esqueceu também a igreja matriz, reformando-a e aformoseando-a, na expressão do Barão de Studart. Estendeu sua ação missionária pelos sertões circunvizinhos, espalhando capelas em Bom Sucesso, Humaitá, hoje Senador Pompeu, em Miguel Calmon, Mulungu e vários outros distritos circunscritos na então muito vasta área do município de Mombaça.

Orador fluente, tendo bebido ensinamentos do então celebrado homem do púlpito e da tribuna, que foi o Padre Valdivino Nogueira, seu professor no Seminário, e ardoroso admirador de Alves Mendes, considerado o mais grandiloquente pregador português de

então, o Padre Pedro Leão encantava com seus sermões e atraia numeroso auditório para suas palestras realmente agradáveis.

Mas não limitava suas atividades paroquiais aos cuidados religiosos com seus fiéis. Homem de largos empreendimentos, servido por um temperamento enérgico, amante de sua terra e de sua gente, procurou atender também às necessidades materiais do povo, desajudado de quaisquer auxílios dos poderes públicos, sobremodo ocupados com lutas políticas e competições eleitoreiras. Assim, ao mesmo tempo em que curava do rebanho com solicitude e desprendimentos, viajando léguas e léguas a cavalo para atender suas necessidades espirituais, empenhava-se no sentido de resolver os problemas ligados aos interesses vitais do povo, como açudagem, rodovias e via-férreas.

Tendo conhecido muito de perto os efeitos desastrosos das crises climáticas que assolam periodicamente o Nordeste, principalmente os sertões cearenses, procurou por todos os meios ao seu alcance, desde a pregação à ação propriamente dita, estabelecer um sistema eficaz de pequena e média açudagem, o que conseguiu em grande parte, tanto assim que se tornou a construção desses reservatórios coisa quase corriqueira nas fazendas de Mombaça, com isso transformando a paisagem local.

Além da influência pela palavra eloquente e convincente, não desprezou o Padre Pedro Leão o contributo da imprensa, publicando nos jornais de Fortaleza ininterruptos estudos a que intitulou "Interesses do Ceará", em que externava suas idéias enaltecedoras de uma política econômica bem planejada, com incentivo à agricultura e pecuária, mostrando os benefícios inestimáveis da cultura do algodão e da criação do gado zebu. E não ficava só em conselhos e sugestões. Procurou aplicar o que ensinava, tornando-se fazendeiro, agricultor e criador, realizando uma obra civilizadora em todos os sentidos, não se conformando em ser um idealista, mas apanhando a realidade com ambas as mãos e mostrando como fazer o que ia aconselhando, com os olhos no céu mas os pés apoiados na terra, dada por Deus ao homem para que nela trabalhasse, fazendo-a crescer em produção e multiplicar-se no conforto de comunidades prósperas e felizes.

Mesmo diante dos desastres provocados pelas intempéries, não desanimava o lutador, porque não somente confiava em Deus como era movido por um patriotismo sadio, por um regionalismo esclarecido, por um acendrado amor à sua gleba e à sua gente, a ponto de afirmar que "o Ceará tem na fronte o facho luminoso das idéias, no coração os espinhos acerbos da dor, mas, còmo coraçàò do Bra-

sil, tem uma sede imensa de marchar, e por isso o braço cearense é o mais forte da República".

E acrescentava: "O trabalho e o amor enriquecem o coração do cearense, que é pobre dessas riquezas moles que intoxicam o organismo, mas é rico da grande força que impulsiona para o trabalho, eterno demolidor de vícios e impertinente fabricador das liberdades humanas." Por isso "o cearense não desfalece: abre na rocha viva fontes de água com o esforço violento de sua tenacidade." "Os cearenses não desfalecem: como águias que têm encravados os seus ninhos nos cimos das montanhas, sustentam a colmeia grandiosa da família com o resto da presa que adquiriram com seu trabalho honrodo nos invernos passados, e voam, aqui e ali, buscando o nétar do trabalho que os nobilita, a presa que os faz felizes". "O gênio do Ceará não pede esmolas. Pede trabalho, porque não tem natureza de viver da caridade pública ou da filantropia dos ricos".

E quando se aventou no Sul a idéia, de esvaziar o Ceará de sua população, entendendo-se que não havia no meio em que ela habitava condições para viver normalmente, revolta-se o Padre Pedro Leão com aquela ameaça de se votar a Terra da Luz à voragem do aniquilamento, achando que isso era um erro crasso. E exclamava: "Não existe, talvez, no corpo do solo brasileiro, um pedaço de chão mais futuroso".

Com sua visão de patrióta indormido, não se conformava com a apatia dos poderes públicos em face dos problemas que pediam solução, solução que ele apontava em planejamentos que antecipavam de muito as decisões agora postas em prática, e daí explodir em brados de justificada revolta: "O Ceará não comporta digladiamentos políticos. Mais do que nunca faz-se absoluta necessidade o desdobramento de uma ação convencional, firmada em princípios altamente patrióticos, acomodados às circunstâncias do momento e às correntes de idéias que marcham na vanguarda das forças comandadas pelo ideal único dos brasileiros do Norte — a salvação do Norte e do Nordeste flagelado".

Em 9 de setembro de 1968 a cidade de Mombaça assistia a tocantes cerimônias promovida pelo povo e pela paróquia de N. S. da Glória, comemorativas do vigésimo quinto aniversário do falecimento do Padre Pedro Leão, ocorrido na mesma data em 1943. Antes de falecer ele não esqueceu sua gente nem sua terra, recomendando que seus parentes olhassem para a instrução agrícola e primária dos sertanejos ali residentes, erigindo-se em sua fazenda uma escola para isso, no que foi obedecido, passando a funcionar o Templo-Escola S. Pedro. O tempo correu, os anos se sucederam,

as gerações se foram substituindo umas pelas outras, mas o nome do Padre Pedro Leão permanece cultuado e reverenciado pelo povo de Mombaça, que o vê insculpido no Patronato e na Escola Normal que lá funcionam.

E, há poucos dias, quando cem anos se completavam do nascimento do devotado ministro do Senhor, vóltou a população da antiga Maria Pereira a recordar aquele que foi seu benfeitor indormido, formador de líderes, que continuaram suas lições e a cujos ensinamentos deve toda a região o surto de progresso e desenvolvimento de que passou a gozar.

Em sua memória realizaram-se festas populares com o apoio, a aprovação e a participação de toda a população, falando em nome da mesma um de seus representantes dos mais ilustres, o ex-Governador Plácido Aderaldo Castelo, membro deste sodalício e elemento dos mais destacados no meio cultural cearense.

O Instituto do Ceará não podia deixar de prestar sua homenagem a esse digno cearense que foi o padre Pedro Leão Paes de Andrade. Ele foi, como queria o seu antigo mestre Padre Valdivino Nogueira, uma força social por excelência. E, por isso, muito bem se lhe aplicam as grandiloquentes palavras daquele celebrado orador sacro, aplicadas a S. Vicente de Paulo:

"Os homens imortalizam os séculos e as boas obras imortalizam os séculos e os homens — as boas obras, que são o firme pedestal da glória e a misteriosa escada do céu. Nas vagas do tempo podem rolar anos e anos, nas sirtes do desprezo podem-se quebrar os gênios mais flamantes, no báratro do esquecimento podem sumir-se as inteligências mais fecundas; mas nem os anos nem o desprezo, nem o esquecimento conseguirão jamais aniquilar a memória ingente dessas almas adamantinas, que, passando pelo mundo, como os meteoros pelo espaço, deixam após si um rastro de luz fúlgido como o sol e eterno como a verdade — o rastrò de luz das suas boas obras".